

ENTRE RITOS E IMAGENS: O PODER SIMBÓLICO NO ASSENTAMENTO CONQUISTA NA FRONTEIRA

Kassiane Schwingel¹

Resumo: Este artigo quer contribuir com estudos acerca da memória, principalmente a memória coletiva. A percepção do uso de ritos e de imagens é importante, pois ao transformarem-se em símbolos, são capazes de promover a identificação grupal e até mesmo a sua manutenção. Para melhor contextualizar as ideias de alguns autores, como Bourdieu, opta-se pela análise do Assentamento Conquista na Fronteira, vinculado ao Movimento dos Sem Terra. Por ter como característica a coletivização é considerado um bom objeto. Inicialmente, é feita uma breve contextualização do objeto analisado, para passar à análise do pensamento de Bourdieu, a partir da realidade do Assentamento.

Palavras-chave: Memória coletiva. Poder simbólico. Movimento Sem Terra.

Abstract: This article aims to contribute to studies about memory, especially collective memory. The perception of the use of ritual and images is important, since the turn into symbols, are able to promote group identification and even its maintenance. To better contextualize the ideas of authors, like Bourdieu, opts for analysis of settlement Border Conquest, linked to the Landless Movement. By having the characteristic of collectivization is considered a good object. Begin with a brief background of the analyzed object to pass to the analysis of Bourdieu's thought, from the reality of the settlement.

Keywords: Collective memory. Symbolic power. Landless Movement.

Introdução

As discussões acerca da memória e de sua importância para a história têm provocado muitas reflexões sobre a construção da história no século XXI. Ao analisar a memória, não é possível limitar-se apenas à análise do passado, mas também é necessário reconhecer a influência da memória na construção da história atual. As memórias privilegiadas pelas camadas dominadoras de nossa sociedade exercem influência sobre nossa vida e criam símbolos para ritualizá-las.

Estes símbolos, normalmente caracterizados por imagens e ritos, têm a capacidade de formar grupos por identificação, definir grupos sociais e, até mesmo, provocar estranhamentos. Isso porque, a memória coletiva tem grande influência sobre a visão de mundo do grupo em que está presente.

¹ Mestranda em História pela Universidade de Passo Fundo.

O que este artigo se propõe a fazer é refletir sobre os usos deste poder, que não é econômico, mas simbólico. A memória coletiva, transmitida por gerações, dá condições que se crie uma visão de mundo própria e poder simbólico a determinadas pessoas ou entidades. O grande desafio é reconhecer este poder e sua forma de atuação, nos mais diversos setores e grupos da sociedade.

Como não haveria condições de uma pesquisa mais ampla, opta-se pela análise do Assentamento Conquista na Fronteira, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Devido a sua característica de coletivização na produção e na vida social, acredita-se que este seja um bom foco para a observação do poder simbólico.

Inicialmente é feita uma contextualização do Assentamento Conquista na Fronteira, para que o leitor consiga entender a dinâmica de funcionamento do mesmo. No segundo momento, ainda de caráter bastante descritivo, fala-se sobre os momentos de ritualização da memória coletiva. A seguir, usa-se como base teórica o autor Pierre Bourdieu, buscando compreender os usos do poder simbólico no Assentamento.

As considerações finais dão conta de aspectos relevantes do texto, esclarecendo o caráter inicial desta pesquisa e instigando novos pesquisadores à análise do poder simbólico, por acreditar ser esta uma importante temática para o campo da história.

O Assentamento Conquista na Fronteira: breve contextualização

A origem das famílias que compõem o Assentamento Conquista na Fronteira está ligada a alguns acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. A maioria das famílias veio de um acampamento no município de Abelardo Luz-SC. Estas pessoas eram agricultores que não possuíam terra própria e, por isso, trabalhavam como agregados em propriedades rurais ou então vendiam sua força de trabalho para fazendeiros, em serviços temporários.

A partir das lutas do MST, foi iniciado um processo de criação de Assentamentos para os trabalhadores sem terra. No Oeste do estado de Santa Catarina, região onde hoje está o assentamento, havia um território de um fazendeiro, que estava sob penhor de um banco. O governo federal comprou a referida área e nesta região criou o assentamento.

No dia 24 de Junho de 1988, 60 famílias foram assentadas na área onde ainda hoje está o Assentamento Conquista na Fronteira. Porém, nem todas as famílias eram ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Sendo 35 famílias do MST

e 25 famílias do município de Dionísio Cerqueira que também não tinham terras, mas que não eram organizadas enquanto movimento.

Airton Fontana (1999, p.77), explica que “As 25 famílias que não estavam ligadas ao MST, foram fruto de manobras políticas do prefeito daquele município, pertencente ao partido do governo estadual (PMDB), com objetivos de fazer seu sucessor.”

O assentamento passa a ser organizado, como explica o integrante, em “dois grupos no início, dois grupos coletivos, com a intenção de no futuro unificar, um só.”¹ Alguns setores foram sendo agrupados no decorrer do processo, porém até o surgimento da cooperativa havia setores separados.

No ano de 1990 é criada a Cooperunião – Cooperativa de Produção Agropecuária União do Oeste LTDA. É interessante perceber que a cooperativa aparece como uma consequência de um processo maior, também influenciada pela política de cooperativas nos assentamentos do MST. Isso porque, embora as práticas de reforma agrária possibilitassem o acesso a terra, não davam as condições suficientes para que os trabalhadores rurais pudessem iniciar um processo produtivo na terra recebida.

Isso é uma questão assim de necessidade. No começo aqui existia essa necessidade de ter alguma coisa pra comercializar, alguma coisa legal. E mesmo porque era tão difícil assim, um ano vender a produção no nome de um, no nome do outro e tal. Os financiamentos também então era uma dificuldade. Então se entendia que era necessário uma cooperativa. E daí não era só nós que tinha essa necessidade, como os demais assentamentos. E daí então, surge a nível nacional as cooperativas de produção agropecuária nos assentamentos. E a nossa aqui foi fundada em 90.²

A forma de organização coletiva do trabalho foi mantida na cooperativa, porém não sem dificuldades. Um integrante da cooperunião, conta que “Muitos não tinham muita noção do que era trabalhar coletivo, outros tinham, então fomos se ajudando.”³

A cooperunião é uma representação jurídica das 60 famílias. E é através da cooperunião que passam todos os investimentos que são destinados aos setores e não só os investimentos, como também o retorno dos setores. Então é através da cooperativa que é feita toda a parte administrativa, tanto das despesas quanto das receitas. E as receitas que se tem, ela é dividida conforme as horas trabalhadas de cada associado, que é feita mensalmente ou a cada seis meses.⁴

Hoje, o Assentamento Conquista na Fronteira conta com uma produção bastante diversificada, tendo os seguintes setores produtivos: produção de grãos, bovinocultura, gado leiteiro, avicultura, plantio de erva-mate e piscicultura. O sustento das 60 famílias que o compõem, provem destes setores e a alimentação também é garantida através do setor de subsistência.

Em relação à educação, há uma escola de nível básico dentro do próprio assentamento. Após a conclusão deste nível, as crianças são encaminhadas a outra escola rural, em uma comunidade vizinha. Com a conclusão do nível médio, quem tem interesse em continuar estudando recebe o apoio da cooperativa que paga o nível superior para seus integrantes. Após a conclusão da graduação, os estudantes assumem um compromisso com o grupo de pessoas a voltar ao Assentamento, para contribuir com seus conhecimentos.

Os tratamentos de saúde também são acompanhados pela coletividade, através da assistência prestada pela cooperativa. Quando algum integrante do assentamento precisa de um acompanhamento médico que não pode ser realizado dentro do setor de saúde do próprio assentamento, há uma comissão responsável por auxiliar a família.

O que é claro no Assentamento Conquista na Fronteira é que não apenas o setor produtivo ou econômico é coletivizado, mas sim toda a dinâmica social passa por um processo de discussão e apoio coletivo. Há setores da produção onde cada integrante do assentamento deve estar envolvido e é responsabilizado por determinadas tarefas. Mas também há o “Conselho Social e Político”, que integra as pessoas nos demais aspectos da vida em comunidade.

Este “Conselho Social e Político” divide-se em dois eixos. O primeiro são os núcleos de estudo, que são os primeiros momentos de reflexão e discussão. Estes estão organizados conforme a proximidade das residências. A função dos núcleos é promover os debates sobre os assuntos que serão debatidos em assembleia, para que todos possam melhor compreender o andamento da cooperativa. Além disso, os núcleos são uma forma de garantir a participação efetiva de todos os cooperados.

Já o segundo eixo são as comissões, encarregadas de exercerem tarefas relativas a: educação, saúde, esporte e lazer, animação e grupo de jovens. Todo integrante da cooperativa faz parte de uma destas comissões, para contribuir também na vida social dentro do assentamento. Com funções bastante específicas, estas comissões apresentam diferentes tarefas: auxiliar no acesso à saúde pública, organizar momentos de recreação, oportunizar momentos de formação, integrar a comunidade.

De forma simples esta é a organização geral do Assentamento Conquista na Fronteira. A compreensão de sua organização e seu funcionamento são muito importantes, para que se possa compreender a importância das memórias coletivas e do poder simbólico em seu interior.

As imagens e os ritos que constroem a memória coletiva

A memória é evocada constantemente nos grupos que compõem o MST. No Assentamento Conquista na Fronteira, ligado ao MST, há rituais que marcam fatos importantes do passado para o grupo. Por exemplo: o dia em que o grupo foi assentado, recebendo a terra em que hoje vivem, passou a ser considerado feriado e é o dia em que o grupo celebra esta conquista. Esta ritualização serve para marcar um fato histórico e deixá-lo latente na memória coletiva.

As imagens também possuem um poder muito grande para incorporar noções e conceitos nas pessoas. Tedesco (2011, p. 217) explica que “[...] a vida coletiva e a consciência social se alimentam por imagens que se traduzem em símbolos”. Sendo assim, não é incomum encontrarmos o símbolo do MST em bonés, camisetas e bandeiras espalhadas pelo assentamento.

Nos momentos em que o grupo participa de encontros com pessoas que não são ligadas ao MST fazem questão de expor as imagens e os símbolos que os identificam. São nesses momentos de reafirmação da identidade que a memória coletiva é evocada e também resignificada, transmitindo essas características as novas gerações.

Ainda no sentido de formar uma memória coletiva, a escola parece desempenhar papel fundamental. Desde seu ingresso na escola que funciona dentro do Assentamento as crianças aprendem a história de luta pela terra, as bases do MST e podem vivenciar parte desta memória através da preparação de peças teatrais, chamadas pelo grupo de “místicas”.

Ao selecionar os fatos a serem lembrados pelo grupo, prioriza-se também situações de dificuldade que o grupo vivenciou. São lembradas as oposições e as idéias preconceituosas enfrentadas, fazendo com que o ressentimento seja também uma forma de tornar a memória ativa.

Entretanto, é no sentido de exemplaridade que as memórias, buscadas através das lembranças, cumprem seu mais importante papel neste caso. Através das histórias e vivências de superação cria-se um sentimento de pertencimento ao grupo e de crença nos ideais por ele defendidos.

O simbólico enquanto poder

Todo o trabalho realizado no Assentamento Conquista na Fronteira está carregado de dimensão simbólica. Entretanto, cabe ressaltar aqui que o “poder simbólico” tratado por Pierre Bourdieu está muito mais voltado para a sociedade

capitalista e individualista, do que para a experiência coletiva do Assentamento em questão. O que se quer aqui é compreender como o simbólico age no Assentamento, instância que pretende não ter classes dominadoras.

Bourdieu (1983) afirma que o jogo de forças que existe no interior do campo acontece para a defesa das posições desempenhadas, para que se mantenha o poder atribuído a cada um. Em virtude dessa distribuição desigual de poder no campo, é que passa a existir dominantes e dominados.

A divisão do campo social em dominantes e dominados implica uma distinção entre ortodoxia e heterodoxia (...) Ao pólo dominante correspondem as práticas de uma ortodoxia que pretende conservar intacto o capital social acumulado; ao pólo dominado, as práticas heterodoxas que tendem a desacreditar os detentores reais do poder legítimo (BOURDIEU, 1983, p. 22).

Em virtude de a sociedade atual usar do poder simbólico, assim como do poder político e econômico, para dividir a sociedade em dominadores e dominados é que surgem reações. Bourdieu explica que “Os que se encontram no pólo dominado procuram manifestar seu inconformismo através de estratégias de “subversão”, o que implica um confronto permanente com a ortodoxia (1983, p.23).”

É nesse momento que nascem movimentos sociais de contestação, como o próprio MST. Não conformado com as condições sociais impostas, reage e confronta-se com a lógica posta em prática. Por ser um movimento de contestação às imposições simbólicas, dentro do Assentamento do MST não haveria poder simbólico?

Pelas observações e as leituras realizadas o que se percebe é a forte presença do poder simbólico, mas com algumas características de uso diferenciadas da sociedade capitalista atual. Dentro do Assentamento há também um campo de disputa pelo poder. Bourdieu (1983, p.19) assim define o campo:

[...] denomina o campo, esse espaço onde as posições dos agentes se encontram a priori fixadas. O campo se define como o lócus onde se trava uma luta concorrencial entre atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão.

Com isso, o campo é visto como um espaço de disputas, que acontecem nas relações de interação. Mas o que Bourdieu afirma é que o campo e os papéis são anteriores aos indivíduos, fazendo com que o uso do poder simbólico já esteja previamente definido pelo conjunto de normas e regras estabelecidas na criação do próprio Assentamento, por exemplo.

Ao já possuir definidas suas práticas sociais, seus ritos e formas de atuação, o Assentamento acaba por nortear as práticas da coletividade através das memórias coletivas constituídas.

Diria Bourdieu, que esse é um imaginário social alimentado pelo poder material e carregado por um forte poder simbólico: “O poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, e, deste modo, a ação sobre o mundo [...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica)” (2007, p. 10).

O poder simbólico constituído no Assentamento Conquista na Fronteira, assim como nos demais espaços de nossa sociedade, está ligado à manutenção de suas práticas da vida social, política, econômica e cultural. Entretanto, não nos cabe comparar a vivência dentro e fora do assentamento, mas é possível reconhecer a maior possibilidade de participação nas decisões em seu interior no que na sociedade “dita democrática”.

Embora o poder simbólico não seja claramente reconhecido por todos, é facilmente percebido em uma análise mais profunda. Este reconhecimento é importante, pois através do poder simbólico, certas visões de mundo são transmitidas.

“(...). As diferentes estratégias, mais ou menos ritualizadas, da luta simbólica de todos os dias, assim como os grandes rituais coletivos de nomeação ou, melhor ainda, os enfrentamentos de visões e de previsões da luta propriamente política, encerram uma certa pretensão à autoridade simbólica enquanto poder socialmente reconhecido de impor uma certa visão do mundo social, ou seja, das divisões do mundo social.” (BOURDIEU, 1996, p.82).

Outro aspecto interessante dentro do Assentamento Conquista na Fronteira é a realização de constantes encontros e reuniões. Nesses momentos as pessoas têm a oportunidade de falar e opinar, mas principalmente, ouvir as lideranças. Essas, normalmente com boa retórica, usam das palavras para fortalecer a coletividade. Esse também é uma das formas do poder simbólico, pois segundo Bourdieu (1990, p.167) “é possível fazer coisas com palavras”.

Considerações Finais

Não é finalidade do trabalho, a de estabelecer julgamentos de valor quanto às práticas que acontecem no Assentamento Conquista na Fronteira, nem mesmo avaliar como positiva ou negativa a interferência do poder simbólico. O que se propôs com este

artigo é refletir sobre de que forma e com que importância o poder simbólico tem atuado nos grupos sociais, enfocando este grupo ligado ao MST e suas especificidades.

O que está evidente é o fato de que o simbólico é um importante instrumento dentro do Assentamento. Ele manifesta-se nos ritos, podendo ser atividades cotidianas ou datas comemorativas para o grupo, e também nas imagens que compõem a memória coletiva deste grupo.

O poder que está nos símbolos serve como uma referência para essas pessoas, ele ajuda a construir a visão do mundo que essas pessoas terão. As imagens fazem com que se identifiquem com os ideias do grupo e se reconheçam como parte de um todo grupal.

O poder simbólico não só foi importante para a constituição deste grupo, como também é importante para a sua manutenção. Atua como um controlador da vida social e também como um incentivador para a continuidade das propostas desenvolvidas pelo movimento social do qual fazem parte.

Este artigo apresenta-se como um esboço para reflexões mais profundas. O que se quer é despertar anseios de análises mais complexas sobre a atuação do poder simbólico, característico seu uso nas classes dominadoras, em grupos sociais que se pretendem ser mais democráticos e igualitários.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Renato Ortiz (org.). São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Thomaz. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp: 149-168: Espaço Social e Poder Simbólico.

FONTANA, Airton. *Construindo o caminho: uma educação orgânica – Experiência do Assentamento Conquista na Fronteira*. São Miguel do Oeste: UNOESC, 1999.

TEDESCO, João Carlos. *Passado e presente em interfaces: introdução à uma análise sócio-histórica da memória*. Passo fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA. Projeto Experimental: Conquista na Fronteira. Joaçaba: 2010. Acervo de audiovisuais do curso de Rádio e TV.

¹ Fala de um integrante do Assentamento, de acordo com o acervo audiovisual do curso de Rádio e TV, UNOESC- Campus de Joaçaba.

² Fala do entrevistado 1.

³ Fala de um integrante do Assentamento, de acordo com o acervo audiovisual do curso de Rádio e TV, UNOESC- Campus de Joaçaba.

⁴ Fala de um integrante do Assentamento, de acordo com o acervo audiovisual do curso de Rádio e TV, UNOESC- Campus de Joaçaba.